

Certeza, crença, ilusão – as práticas da ilusão*

Jacqueline Barus-Michel

RESUMO

Nós só percebemos o mundo através das representações que dele podemos fazer. Por um lado, a ciência não cessa de revisar suas hipóteses; por outro, os mitos e as religiões moldam suas verdades pela realidade enigmática, distribuem receitas cobrando submissão. O pensamento racional, ao preço de uma reelaboração constante, faz uso da lucidez e do acesso à liberdade, visando certezas, recorrendo à inteligência crítica; o pensamento religioso o faz pela adesão emocional. Na perspectiva terapêutica, essa última tem efeitos certos para o sujeito que sofre, para quem é mais interessante reconstituir os processos do que rejeitar seus argumentos. Percebemos que estes passam por etapas muito comparáveis, não importando se o ponto de referência das curas é científico, religioso ou mágico.

Palavras-chave: Crença; Pensamento racional; Terapia; Processo de cura.

PENSAR OU ACREDITAR

Sabemos, há muito tempo, que tudo que nos rodeia não passa de ilusão dos sentidos expostos a enganos. Nem Freud nem Marx eram necessários para denunciar, por trás da religião, uma ilusão, um ópio do povo, instrumento de resignação e de alienação. A consciência que nós temos da realidade é permeada de dúvida cartesiana: nossos sentidos podem nos enganar. O sentido “certo” seria um fio fino que se desenrola até o *cogito*. Mas quem, no argumento cartesiano, o está segurando na outra ponta, senão Deus?, e Deus, em sua infinita sabedoria, nada mais seria, fora toda prova, do que uma criação de nosso espírito. Nesse caso, o fio é uma serpente que morde seu próprio rabo.

Nós só temos, a respeito das coisas, representações ligadas às nossas possibilidades e particularidades perceptivas. Nós vemos cores que não existem em si, mas em função de nossa retina. Nossa razão, bem escorada na rampa da lógica, nos ajuda a escalar teorias que servem por um tempo para depois se mostrarem falsas ou insuficientes, sendo preciso

• Texto recebido em março de 2002 e aprovado para publicação em maio de 2002.

* Traduzido do original “Certitude, croyance, illusion – les pratiques de l’illusion” por Nina de Melo Franco.

abandoná-las em benefício de outras. E sabemos ser esse um ciclo sem-fim: a escada do dedutível se perde no infinito, a alguns segundos do *big bang*, onde tudo pode ser de novo questionado.

Nós só conhecemos segundo as categorias de nosso entendimento, tão imperativas quanto nossos bastonetes e nossas pirâmides. Ora, tão pouco seguros de nossas aquisições “científicas”, banhadas na relatividade, restaria alguma coisa que não seja objeto de crença, ou pelo menos de aposta, como nos propõe Pascal, confrontado à incerteza?

Para nós é muito fácil louvar a ciência e fazer pouco caso dos artigos de fé. Não falo das santas virgens de plástico, mas das divindades, dos espíritos, dos anjos e demônios de todo gênero, aos quais os povos se agarram para poderem explicar suas origens, o andamento do mundo, bem como para aceitar certas regras de vida. Para que servem mitos e religiões? Certamente, como afirma Durkheim, para fornecer valores e normas que forjam o laço social. Freud não o desmente, Lacan menos ainda. A religião fornece a Autoridade celeste e paterna que subordina uma sociedade à Lei e a orienta em direção à civilização, sob as condições constrangedoras da renúncia e da sublimação.

As religiões, efetivamente, fornecem regras muitas vezes severas, quando os padres exigem a mão à palmatória. Mas não podemos esquecer os mitos que as fundam, pois eles servem para dar coerência narrativa às notáveis desordens da natureza, ao mistério da existência, ao modo como surgem, como vão e como são as coisas, às inquietantes estranhezas do acaso e da necessidade, ao desconhecido das origens e dos fins, ao emaranhado das diferenças e das semelhanças.

Os mitos dão a tudo isso representações aceitáveis, a partir das quais os humanos podem tomar decisões, fixar modos de ação e de conduta, consultar doutos exegetas para definir os rituais a respeitar, as lições a aprender, os valores a escolher. Tudo fica explicado: a vida, a morte, a diferença, as contradições. O absurdo nada mais é que aparência, ele é apenas o desconhecimento de uma verdade bem guardada, intangível, embora acessível àqueles que confiam, aos eleitos. Para estes, um véu da Verdade foi levantado. Assim, o que nós consideramos ilusão foi chamado por outros de Revelação e Ensino.

Sem dúvida, os acasos e as necessidades não sofreram nenhuma reviravolta, em função disso. Qualquer que seja a religião ou o mito, os humanos continuam expostos às mesmas dificuldades, embora com o sentimento de que há uma ordem determinada em algum lugar, à qual eles têm de se submeter, pois nela sua existência encontra sentido.

Atribui-se à religião a função de acalmar a angústia existencial, enquanto a dúvida lancinante é vista como fruto de um pensamento rebelde que pretende recusar a submissão e continuar interrogando as coisas. Assim se opõem o pensamento e a crença.

Ora, a atividade do pensamento, como um todo, não se presta justamente a elaborar as representações adequadas para pensar o mundo e agir sobre ele? Na verdade, apenas os critérios mudam entre o pensamento científico e o pensamento religioso. Mas isso resume tudo? Não, pois o primeiro se afirma na razão, enquanto o segundo se baseia na crença. Mas ambos têm como objetivo explicar, um visando a ação, outro visando as condutas, o que muitas vezes se confunde. Um se define como uma postura crítica que só se

dobra ao obstáculo comprovado da realidade, o outro é adesão a uma Palavra ou mesmo uma experiência transcendente.

Devemos então opor de maneira simplista pensamento científico e pensamento religioso? Não, pois existem modos de pensamento que os entrelaçam de maneira paradoxal como, por exemplo, o pensamento imaginário. Este constrói ficções nas quais não temos necessariamente que acreditar, mas que oferecem, de maneira efêmera (como durante o período de uma leitura), uma pseudo-realidade na qual não só temos prazer em mergulhar, mas que pode ter um efeito de revelação. A obra não apresentaria um real (no sentido lacaniano) mais verdadeiro que a realidade de superfície, verdade não percebida em um primeiro momento por falta de tempo ou de atenção? A obra é, então, esse *tempo re-encontrado*, restituído a nós por um autor que tomou para si a tarefa de procurar esse *tempo perdido*. Podemos, pois, acreditar não acreditando, reconhecer sem conhecer e, assim fazendo, ganhar uma dose extra de verdade.

O pensamento científico e o pensamento religioso falam de certeza: o primeiro, graças à verificação de uma materialidade, segundo as regras da experimentação, a exigência da não-falsibilidade, a virtude das demonstrações (história) ou a declinação matemática.

Se somos obrigados a acreditar, em decorrência da natureza fluida e complexa do objeto, atemo-nos às demonstrações e à observação, mas correndo o risco de sermos suspeitos de alterar, conforme nossa conveniência, uma realidade que, no entanto, deveríamos considerar sempre construída, jamais dada. Esta é a tragédia das ciências humanas, principalmente as ciências “clínicas”, mas que também não poupa historiadores e outros. O pensamento torna-se interpretativo, evidentemente, a partir de materiais recolhidos, conforme uma metodologia controlada e armada de referências teóricas e conceituais que encontram sua verificação nos efeitos de aplicação (a prática, a cura), mas só neles. Isso, enquanto esperamos que uma outra prática, com outras referências, obtenha efeitos similares, ou esteja disposta a se refugiar em um processo de conhecimento introspectivo (subjetivo) que se aproxima, no fim das contas, da meditação e do processo religioso. As escolas de pensamento tornam-se igrejas (ou seitas). Os tratamentos se tornam rituais ou práticas místicas. A cura terapêutica desliza para a cura xamânica. Largamos as rampas da cientificidade para entregarmo-nos às promessas da transcendência.

São múltiplas as passarelas entre a razão e a crença. A certeza daquele que crê vem de uma convicção íntima, experiencial, de uma emoção que tem o efeito da palavra. Ele “é falado” por uma palavra exterior, não articulada, portanto não discutível, sentida como uma coincidência consigo mesmo. A verdade sobre si mesmo é, pois, captada sem palavras. Essa coincidência, vinda do testemunho dos que crêem e que tentaram descrevê-la, particularmente os místicos, é uma fulgurância, uma chama que queima, é do registro de uma condensação emocional (caso entendamos a emoção como uma aliança entre sensação e afeto), ela é indizível, e é sem dúvida por isso que a ela atribuímos esse Nome de Deus que alguns consideram, aliás, impronunciável (na lógica de um deus infinito que não aceitaria ser rotulado, nem mesmo pelo nome), ela é coincidência com o grande Outro que não tem realidade material.

É ao gozo que se pode comparar melhor o êxtase do crente: o indizível, a violência, a revulsão da falta, a coincidência com o outro. Bem-aventurada ilusão ou loucura procurada sem cessar, perdida, reencontrada. O que é *reencontrado* não é mais o Tempo, mas o Sentido, absoluto, garantido por ele próprio. Deus é o equivalente à pequena *madeleine* de Proust, ou melhor, ele é a Grande *Madeleine*: a chave que abre as portas do sentido perdido.

Eu disse “coincidência” como outros dizem “estranho!”, palavra que pode nos deixar perplexos. E, no entanto, é a característica desse sentimento de evidência que funda a experiência mística: uma colagem da emoção e da inteligência com aquilo a que não se pode dar forma. O enigma sobre si mesmo se resolve, num piscar de olhos, em um brilho de transcendência, que o crente chama de Deus ou de Anjo, Revelação ou resolução. Mas não há palavras para dizer qualquer coisa a mais: aqueles que tentaram dizer algo, quando são cristãos, falam de amor, outros falam de iluminação, de despertar, de experiência inesquecível. A imagem de luz, na maioria das vezes, aí está presente.

Santa Teresa de Ávila, em seu relato da Transverberação, recorre a uma metáfora carnal da experiência espiritual, que seria também absolutamente adequada às manifestações eróticas.

É claro que nem todos aqueles que crêem passam pela experiência do êxtase, mas todos se valem da linguagem da iluminação, todos se dizem possuidores de uma luz interior, mas uma luz que vem de outro lugar. O esclarecimento e o conhecimento não são, nesse caso, decorrentes da inteligência, mas do sentimento. A fé aparece então como uma adesão indiscutível a uma palavra não formulada, apenas sentida, já sempre presente. Daí a emoção renovada para alguns (“alegria, mais alegria, lágrimas de alegria!”), daí os sentimentos de felicidade ou de paz para outros e, muitas vezes, uma certeza tão definitiva que só pode descambar no fanatismo, como o seu produto mais que natural.

Aqui seria conveniente lembrar que, no campo da ciência, fora o momento raro da descoberta, o processo científico não traz esse efeito de êxtase prolongado ou renovável, constituído por um núcleo duro. Costuma-se dizer que os maiores místicos passam pela *noite da alma*, pela aridez, por uma frigidez mais dolorosa que a *aphanisis*.¹ Podem pois ocorrer estases ou entorpecimentos na elação. Isso significa que, se *Eros* foi majoritariamente convocado, ao mesmo tempo a certeza absoluta que retém *Thanatos* não sofre mais a esperada baixa de tensão, ela se inscreve na morte inflexível.

Aquele que não crê guarda sua frieza de mármore e julga com severidade tudo o que se diz ser da ordem do milagroso e do indizível. Diferente do fenômeno científico, a experiência da crença é intransmissível, a fé não se comunica, a menos que o discurso saiba convencer, ou seja, que ele faça brotar a emoção que impele em direção ao ideal prometido. Mas isso é uma questão de adesão ou de transferência, não de argumentação. A crença é partilhada na confiança e depois na obediência. E é exatamente por isso que costumamos preferir o pensamento racional ao pensamento religioso.

¹ O termo grego *aphanisis* remete a algumas noções como desaparecimento, supressão, aniquilamento, distanciamento. Na clínica, ele se refere a um medo mórbido de perda da potência sexual. [NT]

Por que não se poderiam considerar como iguais o pensamento religioso e o pensamento racional? Perguntemos: será que os racionalistas, ao alegar que só acreditam naquilo que é comprovado, são mais felizes que os fiéis que encontram, em sua fé, a esperança e a consolação? Seriam eles mais felizes que esses fiéis, para os quais tudo tem um sentido e uma finalidade, para os quais existe até mesmo um outro mundo no qual a contradição e o sofrimento são abolidos, no qual se reencontra o grande Todo ou o coro dos anjos, sob a condição, é claro, de estarem munidos dos bons viáticos e de manter seus Espíritos conciliados? Pois os racionais são obrigados a se virar com o que têm em mãos, confrontados a uma realidade que se mostra dolorosa e contraditória: sofrimento, finitude, acaso e necessidade. Será que as alegrias do pensamento podem compensar tudo isso? Será que lhes restaria algum privilégio?

Sim, resta a lucidez. Mas será que vale mais a pena ficar à deriva e ser feliz que sofrer na lucidez? (Nesse caso, subentende-se que a lucidez não é compatível com as alegrias da vida e as crenças trazem infalivelmente a felicidade). Lucidez quer dizer capacidade de análise crítica. “Só considerar verdadeiro aquilo que...”. Se isso não traz mais felicidade do que a fé (apesar de todos os desmentidos que essa última possa constatar, em razão do estado perseverante da miséria do mundo), sem dúvida proporciona a altivez ou o orgulho que são próprios do humano.

O *homo sapiens, sapiens* se pensa pensante. Ele se mantém de pé e firme, diante do absurdo e do necessário, como alguém que conhece seu lugar e encara o abismo de frente. Ao aceitar a vida e a finitude, ele ganha gratuidade e liberdade: “É absurdo, mas eu topo, eu o quero, eu quero ultrapassá-lo, fazer dele o que eu quiser”. O homem é o único, entre todos os seres vivos, que pode se pensar. E se é do pensamento que ele tira a sua liberdade, é melhor aproveitar. Enquanto isso, o crente se submete à esperança alimentada em um Além que não passa de um postulado, um Além cuja lei ele aceita e pelo qual ele se deixa ser guiado, pois suas próprias ficções se voltam contra ele.

Qual deles é preferível, filosoficamente falando? Ora, nem todo mundo quer ser filósofo nem quer assumir aquilo que é específico do humano, a não ser no sentimento de superioridade muitas vezes marcado pelo desprezo daqueles que supostamente são inferiores.

SOFRER, CURAR

Quando consideramos o ponto de vista terapêutico, e se temos por objetivo aliviar o sofrimento, responder à demanda do paciente e das pessoas que o rodeiam, suprimindo sintomas que o incomodam (mal-estar, angústia, inibições) e o impedem de viver por si e com os outros, no pleno emprego de suas capacidades, devemos então privilegiar as práticas de referência científica ou aceitar recorrer ao irracional, às crenças, em sua diversidade exótica?

A quem agrada a cientificidade? A quem ela dá segurança, a não ser àquele que se

ocupa em curar? O paciente prefere a prática que alivia sua dor, não importando se o alívio é real ou ilusório. O efeito *placebo* é tão bem vivido por ele quanto o tratamento certificado pela ciência. Aliás, esse efeito não tem sua própria cientificidade? Em termos de processo, são os encadeamentos da experiência, os itinerários da mudança que são científicos, não seu substrato objetivo. Se a pílula homeopática dá resultados, é o processo que a torna eficiente que interessa compreender, ainda que ele seja puramente subjetivo e ilusório, e não a denúncia da ausência de qualquer realidade orgânica objetiva. Quanto ao paciente, o que lhe interessa é o efeito benéfico que ele sente, ainda que as estatísticas contradigam a realidade de sua cura.

O que é a cura, sobretudo quando se trata de mal-estar e de sofrimento (distinto da dor, mas isso nem sempre é verdade) senão o sentimento de estar bem? Para alcançar esse sentimento e a sua representação não serão necessários métodos que permitam transformá-los, métodos que, por sua vez, também se oferecem como sistema de representação ou manipulação de sinais? Pois isso é tudo que o imaginário demanda.

Poder-se-ia então dizer: “Isso abre a porta a todos os charlatanismos”. É claro, mas os riscos são os mesmos, em relação aos erros médicos, erros de diagnóstico ou de tratamento. Às desonestidades dos primeiros correspondem as incompetências dos segundos. Fazer uma consulta e submeter-se a um tratamento sempre comporta riscos.

“Vejam! Mandam que eles acendam três velas e sacrifiquem uma pomba para obter a cura. Que rigor há nisso? Eles são enganados e, enquanto isso, não fazem um tratamento sério! Eles apenas são levados a acreditar que... não se vai ao fundo do problema!”. Tudo bem. Mas iriam eles ao fundo do problema? E qual é a garantia de que é possível tratar esse “fundo do problema” e de que isso trará a cura? Estamos suficientemente avisados de que a significação só passa pela via da linguagem? Não estaríamos nos esquecendo das virtudes da metáfora, através dos agenciamentos simbólicos, das encenações onde a linguagem falada só entra como mais um dos elementos?

Não estou pregando o obscurantismo e a magia, mas acredito que se devem examinar as práticas em termos de sistemas de representação, pois todo sistema deve ser considerado em função do sistema imaginário e simbólico cultural, de modo mais amplo que o usual em uma sociedade. Além disso, estamos assistindo cada vez mais, nas sociedades modernas, ao fato de indivíduos recorrerem a práticas até então específicas de sociedades tradicionais, o que faz a fortuna de curandeiros de todo tipo. Assim, quanto mais frágeis forem os sistemas simbólicos, quanto mais tênues forem os laços da rede social, mais os indivíduos buscarão se agarrar a representações fortes e cativantes que lhes poupem qualquer esforço pessoal de reflexão sobre eles mesmos. As receitas cheias de imagens fortes impressionam muito mais o espírito do que as prescrições abstratas. Até o corpo as segue. À pretensão universal da psicanálise responde a globalização efetiva da magia.

Mas qual é a diferença entre esses processos? Não estou falando em comparar os pontos de referência que sustentam dois tipos de práticas, evidentemente tão estranhos um ao outro, tais como a ciência e a religião, a razão e a fé. Falo das vias através das quais se procura alívio para o sofrimento.

Se considerarmos a diversidade das curas, discerniremos características comuns que contribuem para a sua eficácia. Algumas são mais presentes e encontradas em proporções variáveis, conforme as práticas, mas, à medida que as examinamos, podemos compreender melhor o mecanismo que as torna eficientes. Isso se considerarmos que “a cura” pode ser ilusória, frente a um olhar objetivo, mas que é preciso reconhecê-la, na medida em que o sujeito a vive como tal, e sem levar em consideração sua duração.

O que é curar? O dicionário Petit Robert atesta: *livrar de um mal físico, de um mal moral, consolar*. Sabemos que os psicanalistas recusam essa definição: eles não livram do mal. Ou então: é Deus Pai que deve fazê-lo para atender, caso queira, às preces dos fiéis. Eles, os psicanalistas, sabem que o mal está entranhado para sempre no fundo do inconsciente e no destino humano, o máximo que se pode fazer é adaptar-se a ele e encará-lo. Essa posição assemelha-se à do incrédulo, do *sapiens sapiens*, da razão crítica. Mas voltamos para a compaixão e a piedade (cristã) que se comovem com a miséria e não podem desprezar as súplicas dos humanos sujeitos ao sofrimento, vítimas oscilantes das manobras políticas e econômicas, de um destino cruel, e que nunca têm acesso às escolas da razão. Eles não têm recursos nem meios de se elevar até às delícias torturantes do pensamento reflexivo. Eles não falam, eles gemem, não porque não saberiam falar, mas porque a eles não foi dada essa permissão.

Além da psicanálise ou da filosofia, é a política que autoriza a atividade do pensamento. Foram os homens que se proibiram a si mesmos, ou que proibiram a outros de serem humanos até o fim.

Antes de privilegiar o procedimento nobre, fundado no rigor de uma exigência centrada no manejo da linguagem, é preciso satisfazer as necessidades elementares e esperar pelo tempo da escola, da aprendizagem. Se somente o homem tem esse potencial, o pensamento se aprende, nós não saímos completamente armados das entranhas de nossos pais.

Então, não seria preciso escutar a queixa e a demanda daqueles que sofrem – e quem entre nós não se encontrou, em algum momento, em um estado tal de desespero impossível de evitar ou do qual era impossível se distanciar? A compaixão pode então atender a esse pedido de consolação e de alívio do sofrimento. O rodeio feito através de imagens fortes que geram esperança e credulidade, mesmo recorrendo à ilusão, não deixa de ser um curativo provisório e às vezes suficiente que não se poderia recusar, ainda que incriminem aqueles que dele abusam para obter benefício material e narcísico. Não se trata aqui, de maneira alguma, de tomar essas manipulações como ciência, embora valha a pena penetrar suas entranhas, o que não deixa de constituir um procedimento científico. Não se trata, por exemplo, de fazer apologia da astrologia a qualquer custo, mas de explicar o que acontece com os clientes do astrólogo, e isso não prejudica em nada a ação a longa distância da geometria dos astros!

Um sujeito que sofre, à espera de socorro, supõe o *especialista/iniciado*, detentor das *técnicas/procedimentos* supostamente aptos a fazer desaparecer seus tormentos, elucidando através do *saber rotulado/poder reputado*, os fatores de seu aparecimento, e aptos também a modificar seus dados ou condições. É preciso que o paciente dê um salto de um estado

a outro, o que significa uma reviravolta mental equivalente, por exemplo, à conversão. Ele passa e quer passar de um estado de sofrimento contínuo e insuportável a um estado de apaziguamento. Isso seria, ao mesmo tempo, um retorno ao que era antes e uma projeção no futuro.

Ele espera que essa reversão de situação venha em forma de estremecimento, de choque, ele até acredita ser este o fator necessário para obter tal reversão (idéia que aliás serviu de álibi científico, no emprego das técnicas de choque em psiquiatria). Essas técnicas de choque são encontradas em todas as práticas médicas, como rituais de acolhimento dos doentes. Todas elas recorrem a um dispositivo em que o sujeito se vê ao mesmo tempo privado de suas referências e modos de comunicação habituais, através do isolamento, da prática de certas posturas, do silêncio ou da limitação da expressão a um único registro (oração, canto, associações livres, recitação...).

O corpo é submetido a limitações que reduzem sua autonomia e favorecem a suggestionabilidade (balanços, ritmos em cadência, imobilidade...). Isso pode ainda ser amplificado por uma excitação ou desestabilização neurofisiológica, por ingestão ou inalação de substâncias tóxicas, pelo jejum, pela vertigem suscitada por danças em circunvolução, martelamento de sons, alternâncias de obscuridade e luz intensa, focalização de pontos luminosos, efeitos “estromboscópicos”...

Quase sempre o paciente se submete à autoridade de um mestre investido de poder pela comunidade, seja esse poder oficializado ou oculto. Ele se encontra em posição de dependência infantil, pronto para acolher e reproduzir a vontade falada ou “agida” dessa autoridade. A situação gera um estado emocional forte, os afetos são drenados e condensados na figura daquele que “cura” e é percebido como um iniciado, um salvador, conectado com as energias obscuras que se manifestam nessas condições e que aparecem como as causas irredutíveis dos problemas. Esperança, liberação emocional, regressão, focalização sobre um personagem central: na situação psicanalítica, isso pode ser chamado de transferência.

Todas as práticas oferecem, e isso pode parecer essencial, um roteiro articulado com um sistema de representação imaginário e simbólico. Roteiro: é o que acontece no palco terapêutico, distribuição e colocação de personagens reais ou fictícios, invocados, encarnados ou representados (Édipo, Orixás, Virgem Santa...); sistema de representação: são as referências míticas, teóricas ou ideológicas que servem de trama para as condutas em uma cultura. Ao mesmo tempo que são imaginárias, são figuras de identificação e de projeção possíveis; e simbólicas, naquilo que seus agenciamentos codificam as trocas que se estruturam segundo o seu modelo.

É sua maior ou menor abstração ou figuração, bem como seus mistérios, sua justificação racional, que fazem com que sejam reconhecidas como mito, doutrina, teoria ou ideologia. Mas será que sua função é diferente? Evidentemente, em toda prática há objetos investidos que parecem condensar, tanto quanto o mestre, as energias convocadas (conchas, velas, recipientes com água, bolas, sementes, divã, poltrona...), eles podem variar infinitamente, o essencial é que sejam sacralizados, isto é, que sejam atributos do mestre

e reservados à sua exclusiva disposição, por isso aparecem como instrumentos das energias inconscientes/ocultas, símbolos materiais do acesso à cura.

Inútil dizer que o paciente chega à sessão ou ao ritual de cura em um estado emocional intenso, cheio de esperança, de temor e de respeito, mistura de sentimentos que o preparam, seja ele crédulo ou não, para o choque, primeiro sinal e condição para uma mudança. Ele está pronto para a passagem, suas emoções foram convocadas, seus afetos mobilizados, seu corpo se abandona, o discurso ou o jogo se inserem em sua trama. Libertado das preocupações do cotidiano, da realidade ordinária, ele se desloca fortemente no ritual da cura, passando por uma espécie de iluminação. Dessa vez, a iluminação é provocada, enquanto que na conversa ela pode ser espontânea.

Há ainda um outro fator que contribui para essa assunção: a cumplicidade do grupo. Evidentemente, alguém pode se submeter sozinho a um processo de cura. A título pessoal, isso é um sinal moderno, ocidental, da importância dada ao sujeito *self made*, mas, nas culturas pouco ocidentalizadas e que se referem a práticas tradicionais, a preferência vai para as práticas comunitárias, digamos grupais. O paciente é cercado, sustentado, exortado por seu grupo que vibra com os mesmos ritmos, se insere nos mesmos roteiros, canta, reza, dança com o doente. Esse último não só fica curado, mas “renasce” para o grupo que o assiste e no qual ele é reinserido.

Se encontramos os mesmos traços em todos os processos de cura ou terapêuticos, o que há a concluir? Talvez seja preciso suspender o julgamento acerca da validade científica das explicações e dos procedimentos (como: “a borra de café é mesmo capaz de fazer um diagnóstico?”), para estudar os processos que realmente dizem algo sobre os mecanismos do sofrimento e da cura e que podem, por sua vez, resultar na concepção refletida e controlada de dispositivos eficientes, a longo termo. É preciso ter em mente que o corpo, o grupo, a relação, o imaginário e o simbólico são aí convocados tanto quanto o psiquismo, o que parece coerente com a concepção de um sujeito complexo que não pode ser concebido fora de sua atualidade cultural e social, nem distanciado de seu corpo.

Vamos insistir aqui sobre a virtude da metáfora: as representações fortes, sejam elas súbitas ou culturalmente sobrecarregadas, são capazes de mobilizar o imaginário e de excitar as emoções – estas estão na conjunção do psicológico e do psíquico. Assim, o movimento emocional e a adesão imaginária solidárias levam à mudança. Mas ainda é preciso que a metáfora proposta seja formulada com conhecimento de causa. E é aí que o olhar científico prima sobre a intuição inspirada ou interessada. O problema não é acreditar ou não acreditar, mas pensar o fenômeno da crença, seus suportes, suas modalidades, seus efeitos. Afinal, não somos todos crédulos? A grande questão é ter consciência disso. É o que pode evitar que nos tornemos integristas de nossas referências teóricas, por mais científicas que elas nos pareçam, sob o risco de fazer delas artigos de fé que não mais toleram a crítica.

Longe de nós a idéia de pregar um retorno ou um recurso à magia.

A exigência de rigor científico é extremamente recomendada a quem se ocupa da cura, o estudo e a pesquisa que consolidam o conhecimento das causas e dos efeitos devem instruir sua prática de maneira inteligente. Já os pacientes dão prioridade aos benefícios

esperados, pois quanto ao resto, eles se baseiam essencialmente na confiança, e vale lembrar que a fé não lhes é estranha.

É verdade que muitos de nós procuram práticas nas quais prevalece uma teoria baseada na experiência e na crítica, e renunciam às firulas do irracional. É também preciso reconhecer que isso demanda uma postura intelectual previamente construída, uma força de caráter suficiente para dar conta da elaboração de algum sentido, para mergulhar em seus próprios abismos e correr o risco lúcido de forçar suas próprias defesas e as dos outros, sem garantia de cura. Isso é, muitas vezes, o efeito de uma exigência interior, embora seja tão difícil quanto a posição daquele que recusa a crença. Isso é, sem dúvida, nobre, mas nem todo mundo é Sísifo. Às vezes nos contentamos em ser um *homo erectus* ou simplesmente *homo sapiens*, já que o *homo sapiens sapiens* é mais árido. Então fazemos um voto de confiança nos outros, delegando nosso pensamento crítico. Pelo menos, não corremos o risco de sermos destronados pelos chimpanzés. Afinal de contas, não estamos no *Planeta dos macacos*.

RÉSUMÉ

Nous ne percevons le monde qu'à travers les représentations que nous pouvons nous en donner. Si la science révisé sans cesse ses hypothèses, les mythes et les religions plaquent leurs vérités sur la réalité énigmatique, fournissent des recettes au prix de la soumission. La pensée rationnelle, au prix d'une réélaboration constante se targue de la lucidité et d'un accès à la liberté, si elle vise des certitudes c'est par le recours à l'intelligence critique; la pensée religieuse par l'adhésion émotionnelle. Dans la perspective thérapeutique la deuxième a des effets certains pour les sujets en souffrance, dont il est intéressant plutôt que d'en rejeter les arguments, de retracer les processus. On s'aperçoit que ceux-ci passent par des étapes très comparables, que le référentiel des cures soit scientifique, religieux ou magique.

Mots clefs: Croyance; Pensée rationnelle; Thérapie; Processus de guérison.

Referências bibliográficas

- DESCARTES (1637). O discurso do método. [s.n.t.].
- KANT (1781). Crítica da razão pura. [s.n.t.].
- PASCAL (1657). Pensamentos. [s.n.t.].
- TERESA DE ÁVILA (1565). Vida de Santa Teresa de Jesus. [s.n.t.].
- BARUS-MICHEL, J. Souffrance, trajets, recours. Dimensions psychosociales de la souffrance humaine. Bulletin de Psychologie n. 452, mars-avril, 2001.
- BASTIDE, R. Le rêve, la transe et la folie. Paris: Flammarion, 1972.
- BENOIST, J. (Org.). Soigner au pluriel. Paris: Médecines du monde, Karthala, 1996.
- DURKHEIM, E. Les formes élémentaires de la vie religieuse. Paris: PUF, 1968.
- Fórum Diderot. Qu'est-ce qui guérit dans la psychothérapie? Paris: PUF, 2001.
- FREUD, S. (1912). A dinâmica da transferência. In: _____. Da técnica psicanalítica. Paris: PUF, 1953.
- LÉVI-STRAUSS, C. A antropologia estrutural. Paris: Plon, 1958.
- NATHAN, T. L'influence qui guérit. Paris: Odile Jacob, 1994.